

LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

V. 8, N. 2, ano 2016 - Volume Temático: *Linguagem e Raça: diálogos possíveis*

LINGUAGEM E LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIAS: EXERCÍCIOS PARA REEDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS NA ESCOLA

*Ana Lúcia Silva Souza**

RESUMO

O artigo discute os embricamentos entre linguagem e relações raciais na escola, destacando a importância de considerar, nas interações que se estabelecem em sala de aula, as identidades dos sujeitos no exercício cotidiano da construção de conhecimentos, o que venho nomeando como letramentos de reexistência. Para tanto, evidencio que o uso da categoria “reexistência” requer tomar por base, numa perspectiva sócio-histórica, aspectos da visão bakhtiniana de linguagem, bem como as abordagens sobre letramentos múltiplos e heterogêneos (KLEIMAN, 1995; BARTON; HAMILTON; IVANIC, 2000; ROJO, 2009; SOUZA, 2009, 2011); a aplicação das concepções de cultura e de identidades como aponta Hall (2000); e, principalmente, os estudos sobre a educação da população negra no Brasil (BARROS, 2005, 2016; FONSECA, 2005, 2016; ROMÃO, 2005; CUNHA, 2005; CARDOSO, 2005; CRUZ, 2005). Pretendi destacar que atentar sobre o valor e importância da articulação dos conhecimentos produzidos nas trajetórias dos sujeitos, dentro e fora da escola, seja a única saída para que a escola cumpra o seu papel de reeducar para as relações raciais, para todas as pessoas.

Palavras-chave: Letramento de reexistência. Relações raciais. Arranjos educativos: formação de professores. Lei 10.639/03.

ABSTRACT

This article is about the bracings between language and race relations at schools, highlighting the importance of considering the interactions that take place in the classroom, observing the identities of the subjects in the daily exercise of construction of knowledge, which I have been naming as “reexistence literatures”. Therefore, I show that the use of the category “reexistence” requires taking as a basis, from a socio-historical perspective, aspects of the Bakhtinian view of language, as well as approaches on multiple and heterogeneous literatures (KLEIMAN, 1995; BARTON; HAMILTON; IVANIC, 2000; ROJO, 2009; SOUZA, 2009, 2011), the application of conceptions of culture and identity as pointed by Hall (2000); and particularly studies, in special the most recent ones, on education of the black population in Brazil (BARROS, 2005, 2016; FONSECA, 2005, 2016; ROMÃO, 2005; CUNHA, 2005; CARDOSO, 2005; CRUZ, 2005). I intended to point out that look at the value and importance of the articulation of the knowledge produced along the subjects’ trajectories, inside and outside the school, is the only way so that the school fulfills its role of re-educating to race relations for every and each person.

Keywords: Literacy reexistence. Race relations. Educational arrangements: teacher training. Law 10.639/03.

* Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Líder do Grupo de Pesquisa Rasuras – Práticas de Leitura e Escrita; e membro do NELT – Núcleo de Estudos de Leitura e Tecnologias –, ambos UFBA. E-mail: analusilvasouza@uol.com.br.

INTRODUÇÃO

Pequena, aprendi a ler ouvindo e vivendo histórias de minha família de raça negra¹. Em meu universo de aprendizagens, minha mãe, Dona Neide, que lia muita fotonovela, sabia de cor todos os contos de fada; ajudava a gente a construir casinhas no quintal de casa; cantava pra gente dormir; contava, e ainda conta, muitas histórias, em especial do quanto ela não gostava de ir pra escola. Eu sofri por ela. Eram terríveis, ruins. As que eu mais gostava eram as dela quando criança, ouvindo prosas de meu avô boiadeiro que brincava com a filharada, contava causos de assombração e da lida do dia, das estratégias traçadas, artimanhas certeiras para domar bois bravos nos pastos, terras no interior paulista, propriedades que aos poucos foram meadas, arrendadas, vendidas para estrangeiros e nada viraram de herança para a família Alves de hoje.

Ouvi também as histórias de sua mãe, Tereza, que cantava baixinho na lida da casa e da roça e que era durona. E da mãe de sua mãe, lavadeira formada na água e sabão, famosa pelas redondezas e que ensinou minha mãe a contar peças de roupas para entregas. O avô dela, um homem negro de cabelo muito liso, benzedor que falava *tête-à-tête* com energias da natureza e fazia remédios com ervas para pessoas que o procuravam. Ah, e as histórias paternas que minha mãe escreve com palavras ditas. Quase nada sobre bisavós, essas nunca chegaram com força, sumiram muitas do pai de meu pai que veio lá das Minas Gerais com experiência na mineração, comércio e agricultura, e enorme prole. Na chegada em São Paulo, empregou logo as filhas em “casa de família rica”, e com os filhos foi plantar horta e botar venda. De minha avó Dona Ana, têm as histórias da fala de conselho, e da liderança na igreja matriz local. Silenciosamente, deu nome a todas as primeiras netas da família Silva: Ana Maria, Ana Madalena, Ana Lúcia.

Agora, as histórias de meu pai, Agostinho, eu vivi bem. Ouvinte de boa música, colecionador de discos, eletricitista autodidata. Empreiteiro de poucas letras, e que por isso mesmo aos oito anos me ensinou a redigir propostas de trabalhos – que ditava em tom de quem está pensando alto – e também os recibos das transações comerciais. Ele me dizia: vamos aqui escrever umas coisas pra entregar lá pros bichos d’água. E depois, ao longo dos meses, eu ia acompanhando o desenrolar dos acontecimentos nas obras. Às vezes, eu ia passear com meu pai, passava o dia em um canteiro de obras de um hospital em construção ou em uma fábrica de papel em manutenção. E quando chegava em casa, eu também ia contar as minhas histórias. Trato aqui dos usos sociais de linguagem que fiz em criança, de minha inserção no universo de letramento doméstico, uma das esferas sociais pelas quais circulamos ao longo de nossas vidas, destacando a pluralidade de tais práticas e o seu valor para a minha formação ainda em andamento.

Quando aos sete anos eu entrei na escola, menina de sobrenome Silva, tranças apertadas e sorriso largo, em pouco tempo percebi que a sala de aula era lugar pra ficar de boca fechada. Abre cartilha, fecha cartilha, fa, fe, fi, fo, fu, faça, fava e a lição da zabumba que nunca chegava, mas eu já sabia de cor e salteado, as notas, boletim, castigos, olha pra frente, não converse. E minhas histórias? Pouco a pouco cediam lugar a outras histórias. Algumas me entristeciam, lembro do livro de história e da parte da abolição da escravatura, as imagens me incomodavam muito e eu não sabia

¹ A expressão raça distancia-se do sentido biológico e tem existência como uma construção sócio-histórica, por isso, possui efetividade e é real apenas no mundo social (MUNANGA, 2004).

localizar bem o porquê. E nos bancos escolares prossegui meus estudos por anos a fio, e agora eu sei que, como nos alerta Adichie², corri o risco de viverem meio a uma única história. É Adichie, uma escritora nigeriana, que em uma de suas palestras sobre seu processo de formação nos fala dos perigos que correu ao ter ao seu redor apenas histórias e valores contados pela visão e imagens europeias e brancas, sem ter em sua literatura referências outras para sua produção, o que ocorre anos mais tarde após aproximação com matrizes de seu Continente. Pode saber de si e reparar que era, até então, quase que uma versão ocidentalizada de si mesma. Sem as nossas histórias.

1 FUGINDO DO PERIGO DE UMA ÚNICA HISTÓRIA NAS ESCOLAS

O alerta da escritora é válido para pensarmos em todos os grupos socialmente minorizados que, de alguma maneira, têm na escola a invisibilização de sua história. E os efeitos conhecemos na pele e nos dados estatísticos que insistem em estampar uma realidade ainda muito desfavorável, em especial para a população negra.

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que já somos mais de 52% de negras e negros – pessoas que se autodeclaram pardas e pretas – e também que somos a maioria que vive entre os piores índices, quando se trata de renda média *per capita*, níveis de desemprego e de níveis de escolarização. É conhecida a metáfora do funil existente no cenário de ensino: quanto mais avançam os anos de estudo, menos negra fica a educação. Junto a isso, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) não se cansa de buscar onde está o nó dos números desiguais que invariavelmente apontam as setas com os melhores indicadores de aproveitamento e avaliação para a população branca.³ Assim, quantas outras histórias ainda precisam ser contadas?

Nossa aposta é que o perigo de uma única história é um dos piores inimigos para o processo de afirmação da população negra no Brasil, o que reflete na falta de identificação como espaço escolar e com um processo de produção de conhecimentos que faça sentido para as pessoas. Diversos estudos têm mostrado que, para a grande maioria de negras e negros, a escola ainda é uma experiência denegação, de distorções, e parte disso se deve ao silenciamento de culturas, de valores que lhes são caros e de seus lugares de pertença que não entram na escola (CAVALLEIRO, 2000; JOVINO, 2004; GOMES, 2006).

Por isso mesmo, tenho defendido que entrar no universo de letramento escolar – uma das esferas sociais mais importantes da vida, pois passamos lá boa parte de nossa existência –, não pode significar “sair da vida”, e, sim, espaço de articulação, de valorizar experiências educativas das quais os sujeitos participam para além da escola, no cotidiano e em outros espaços de sociabilidade como os movimentos sociais negros. Foi o que pretendi afirmar na tese *Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop*⁴, na qual o letramento é categorizado como de reexistência ao

² Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana que já tem trabalhos que circulam no Brasil. Ver palestra completa em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

³ Para mais detalhes, conferir em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2016-11/educacao-reforca-desigualdades-entre-brancos-e-negros-diz-estudo>>. Acesso em: 02 dez. 2016.

⁴ Tese defendida em 2009 no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em Linguística Aplicada, área de concentração Língua Materna, sob orientação da Profa. Dra. Angela B. Kleiman, no Grupo Letramento do Professor.

evidenciar que, ainda que não se perceba ou não sejam valorizadas, há no cotidiano uma reinvenção de práticas de uso da linguagem que os sujeitos realizam e que estão ancoradas sobretudo nos referenciais e na história de vida das pessoas. Pode-se dizer que o letramento de reexistência, mais discutido adiante, tem apoio em três vértices que podem estar em diferentes esferas sociais: os letramentos escolares, as experiências de letramento apoiadas nas práticas sócio-históricas e culturais do grupamento de origem e as práticas de usos de linguagem ligados ao momento vivido no aqui agora, seja em movimentos sociais, grupos de lazer, de esportes ou em outros associativismos.

Nas considerações finais da minha tese, insisto que

uma das tarefas cada vez mais urgentes para a instituição escolar é atentar para a dinâmica e as múltiplas maneiras de uso social da linguagem, estabelecendo uma ponte entre o que está dentro e o que está fora da sala de aula, de forma a considerar as diferentes vozes e identidades que circulam nos espaços educativos(SOUZA, 2009, p.188).

É a minha militância acadêmica que começou desde lá de casa.

Passados alguns anos, a discussão foi material para a publicação de um livro, *Letramentos de reexistência – poesia, grafite, música, dança: hip-hop*, publicado pela Editora Parábola, em 2011. Em final de 2014, a obra foi selecionada em edital público do Programa Nacional Biblioteca da Escola⁵, uma ação coordenada pela Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação (MEC), e no início de 2017 começará a ser distribuída para todas as bibliotecas de unidades de ensino com as últimas séries do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.

Destaco que a discussão em torno da escola, letramentos, estudos sobre educação da população negra sempre esteve em pauta, mas desde os anos iniciais do século XXI ganha adensamento como direito para todas as pessoas com a alteração da Lei no 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) –, mediante o sancionamento da Lei no 10.639/03, que inclui no currículo oficial dos estabelecimentos de ensino básico das redes pública e privada do país a obrigatoriedade de estudo da temática História e Cultura Afro-brasileira.

A Lei no 10.639/03 tem sustentação nas Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas, que explicitam princípios e objetivos para a sistemática das ações antirracistas na escola. À escola, diz o documento, cabe

⁵ Conforme lê-se no site: “Este edital tem por objeto a convocação de editores para o processo de inscrição e seleção de obras de referência, elaboradas com base no reconhecimento e na valorização da diversidade humana, considerando diferentes temáticas e as especificidades de populações que compõem a sociedade brasileira, no âmbito do PNBE”. A obra em foco foi eleita no item 8 “Referenciais sobre a educação para as relações étnico-raciais, contemplando a história e diversidade cultural afro-brasileira e africana; trajetórias do povo negro no espaço geográfico; identidade racial, relações sociais e diversidade; auto-estima e identidade étnico-racial; história e cultura dos povos ciganos no Brasil e a superação do racismo na escola” (cf.<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-consultas/item/3981-edital-pnbe-tem%C3%A1tico-2013>). O processo foi concretizado apenas em 2016, e em 2017 as escolas começarão a receber o material.

a maior empreitada de acolher, conhecer e valorizar outros vínculos históricos e culturais, refazendo repertórios cristalizados em seus currículos e projetos pedagógicos e nas relações estabelecidas no ambiente escolar, promovendo uma educação de qualidade para todas as pessoas (BRASIL, 2004, p.12).

O desafio é gigante, uma vez que independente de conteúdos, matérias, disciplinas e áreas de conhecimento, o que está no centro da discussão são os usos da linguagem no cotidiano. O cotidiano que pode ser, ao mesmo tempo, um espaço revelador das facetas do racismo e seus efeitos, preconceitos e discriminações – sempre em intersecção com outras questões, como sexismo, homofobia, transfobia etc. – e também espaço de práticas comprometidas que, conforme documento das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas,

questionem relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras, atitudes que, velada ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual (BRASIL, 2004, p.12).

A escola, a sala de aula, são *locus* onde aprendemos a ser quem somos em meio à movimentação de identidades sociais, que se entrecruzam, se chocam, se fortalecem, e como quer Hall (2000), longe de serem fixas e imutáveis, são constituídas nas interações: as pequenas grandes histórias, nossas.

2 LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS NEGROS NO BRASIL

Como já assinalado, falar em letramento de reexistência implica considerar as práticas de letramentos desenvolvidas em âmbito não escolar, marcadas pelas identidades sociais dos sujeitos nelas envolvidos, e além disso, considerar os aspectos que afetam o histórico do letramento da população negra no Brasil e que influenciam as trajetórias pessoais de usos sociais da linguagem. Nesse sentido, alguns aspectos da visão bakhtiniana de linguagem, como sua natureza social, mostram-se produtivos para considerar as particularidades dos discursos em relação ao lugar e à posição que os sujeitos ocupam no quadro da dinâmica política e econômica. Ressalto que, em consonância com a concepção de letramento adotada, tomo como referência as etapas que configuram o método sociológico de análise proposto por Volochínov/Bakhtin (1995[1929]). Portanto, antes de chegar ao enunciado, é preciso tratar das formas e dos tipos de interação verbal, em ligação com as condições concretas em que se realizam, as formas das enunciações conectadas com a dinâmica da vida e a criação ideológica a que os enunciados se prestam nas interações verbais. Afinal, estamos junto ao hip hop.

Nesse estudo, a centralidade esteve na análise dos discursos de um grupo integrante do movimento hip-hop, cultura que engloba quatro elementos artísticos, a saber: MC, DJ, B. Boy ou B. Girl, Grafiteiros e grafiteiras. Jovens, majoritariamente negros e negras que de diversas maneiras alimentam organizações e eventos nos quais atividades relacionadas à leitura, escrita e oralidade revelam padrões singulares de uso da linguagem em suas mais diferentes modalidades.

O aspecto educativo está no horizonte do hip-hop, nas apresentações artísticas, oficinas, produção de DVDs e em outras formas de registros e debates em torno de temas candentes e polêmicos. As ações, que ocorrem em diferentes âmbitos da sociedade, imprimem destaque à juventude negra e, não raras vezes, causam um estranhamento em olhares acostumados a não enxergar, positivar e legitimar as práticas de letramento de grupos juvenis.

Partindo disso, a investigação começou com algumas indagações: podemos falar de letramentos de resistência uma vez que as práticas e os eventos de letramento dos ativistas engajados no movimento *hip hop* estão relacionados às suas identidades contestadoras? Como os participantes atribuem sentidos, produzem e comunicam, em interações, suas identidades de ativistas do movimento *hip hop* e como essas identidades enunciadas produzem movimentos de identificação, de diferenciação e de reposicionamentos nas interações? Respondê-las me levou a mergulhar em um universo que foi para muito além de posição contestadora em letras de música e em falas engajadas.

Por meio dos discursos dos sujeitos da pesquisa, descobri que os jovens me levaram de volta para a minha casa, ao fazer um esforço para que suas histórias fossem contadas por eles mesmos e que o trabalho desenvolvido por eles fosse reconhecido como uma instância de educação e de transformação coletiva. Neste sentido,

não era mais o caso de observar as singularidades de suas práticas letradas, mesmo estando fora do espaço escolar, mas perceber em que medida elas não apenas eram letradas, como reelaboravam a perspectiva de resultados ao mostrarem que não apenas valorizavam essa cultura letrada escolarizada, embora a refutassem em muitos momentos, como principalmente a reinventavam, reformulavam, rediziam e praticavam(SOUZA, 2009, p.186).

Durante os nossos encontros, entre outras intervenções, os participantes da pesquisa anunciaram a criação de um grupo de trabalho chamado *Hip Hop Educando*, coordenado por eles e com inserção em espaços educativos diversos – o que mostra quão rapidamente foi captada por eles a necessidade não apenas de resistir a um modelo de letramento excludente, mas de, ao criticar, propor outras maneiras de agir, outras formas de fazer, ensinar. Não apenas resistir, como aprendemos com os passos que vieram antes de nós, mas reexistir. Em meio a tantas intervenções das quais participamos em nossas andanças, destaco um material organizado pela Secretaria Estadual da Educação de São Paulo, no Projeto Ensino Médio em Rede, voltado para a formação de professores de língua portuguesa.⁶ No vídeo, entre outros aspectos, os jovens destacam a importância da interação que considere as identidades dos sujeitos no exercício cotidiano da construção de conhecimentos, defendem uma forma de educar a partir do corpo e da vida dos sujeitos e a importância de compreender a história da população negra na educação.

⁶ Cf. o vídeo “Ensino Médio em Rede / Projeto Hip Hopeducando e Enraizados SP”. Em sua descrição, lê-se: “Esse vídeo foi produzido para alunos do Ensino Médio em Rede com depoimento de Arte Educadores e militantes da cultura Hip Hop pertencentes a posse Enraizados S.P, e outros integrantes da cultura Hip Hop. Falamos sobre o Hip Hop como ferramenta de mobilização, articulação e educação. Participantes - Os Rappers e Educaores: Dimenor, Lge, Sonéca, Terno e Nathas além do Dj Ronaldo e De Tcheba B.Boy”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BEpdN3tZXX4>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

Uma boa parte da minha tese foi dedicada justamente à discussão sobre os diferentes modos de inserção da população negra na escola, bem como os arranjos educativos e o papel dos movimentos sociais negros no processo. Já na época, considerei um achado a publicação do livro *História da educação do negro e outras histórias* organizado por Romão (2005), e anos depois, recentemente, junta-se aos escassos estudos a respeito o livro *A história da educação dos negros no Brasil* organizado por Fonseca e Barros (2016). Ambos se mostram fundamentais para refletirmos sobre a categoria letramentos de reexistência, pois divulgam produções potentes para fortalecer as discussões e ampliar a compreensão acerca das trajetórias de escolarização de negras e negros desde o período da escravização econômica, passando pelo período abolicionista e o pós-abolição, chegando ao atual período das ações afirmativas em nosso país.

Nestes debates, é importante marcar que a escola formal nunca foi relegada, negada, e que é uma construção social a ser reinventada como espaço de direito para todas as pessoas. Em todos os tempos, “a escola, melhor dizendo a escolarização, é um valor para a comunidade negra”, diz Silva (2016, p.07). Estudos no último livro citado apontam que pouco ainda sabemos sobre as diversas experiências educativas, o que nos leva a continuar na ignorância a respeito dos modos e maneiras de viver a educação da população negra dentro e fora da escola, como argumentam Fonseca (2016), Barros (2016), DaLuz (2016), Silva (2016), Arantes (2016), Moehlecke (2016), entre outros/as.

Se um dos vértices da reexistência aponta para as histórias não contadas, então as novas abordagens sobre a historiografia da educação tornam-se cada vez importantes em alinhamento com os estudos sobre relações raciais no Brasil. Como dito,

a singularidade está nas micro-resistências cotidianas ressignificadas na linguagem, na fala, nos gestos, nas roupas, não apenas no conteúdo mas também nas formas de dizer, o que remete tanto à natureza dialógica da linguagem como também às proposições dos estudos culturais que revelam que as identidades, sempre em construção, se dão de forma tensa [...] [O que é] próprio de situações em que se está em disputa por lugares socialmente legitimados (SOUZA, 2009, p.33).

CONSIDERANDO

A aproximação com o universo da cultura hip hop trouxe contribuições para ampliar as discussões sobre práticas de letramentos desenvolvidas em âmbito não escolar e marcadas pelas identidades culturais dos sujeitos, tratando de questões relativas à cultura escrita e letramentos da população negra no Brasil em espaços que se sustentam pela legitimação não apenas de uma linguagem, mas pelos efeitos que esse uso possa causar na estruturação dos territórios de saberes e nas redes de sociabilidades negras.

Serei sempre grata ao grupo Lado Obscuro e Enraizados, com Nathas, DiMenor, Débora, LGe, Soneca. Cada pessoa uma história, cada pessoa um nome forte, de batismo na cena cultural afirmando identidades, estreitamente ligadas ao seu modo de ser no âmbito da participação social, o que nos leva a perfilar com a afirmação de Rajagopalan (2003, p.82): “é preciso pensar além da semântica dos nomes próprios para encarar o fenômeno de nomeação como um ato eminentemente político”. São nomes que trazem histórias.

Juntos somos educadoras e educadores, e continuamos a ensinar ao lado de outras tantas cabeças pensantes, alterando as possibilidades de fazer o que se entendia por pesquisa com grupos juvenis, grupos negros, mulheres negras, diversidade negra, sexualidade, gênero e outras agendas. Faz-se mais verdade a observação colocada por Pires (1998):

O surgimento de vários grupos de estudos acerca da questão étnica no Brasil e a presença nas universidades brasileiras de pesquisadores(as) negro(as) têm possibilitado a produção de vários trabalhos nos quais os negros e seus descendentes aparecem como sujeito, contrariamente ao que ocorria quando a população negra era retratada de forma estereotipada e não passava de objeto de estudo, nas academias (PIRES, 1998, p.18).

E ponto. Os letramentos de reexistência no hip hop em suas práticas discursivas estão eivados de cor, de identidade negra; encontraram-se nesse espaço, agarraram-se a ele e se fazem nele: o espaço *hiphopiano*. Por isso, reverterem a fala que os desvaloriza, retorcem a língua, reinventam fontes de referências. Resistir não é somente endurecer e sobreviver, é muito mais que isso, é resistir existindo de maneira nova e coerente com sua história ainda sendo contada.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, A. S. Discursos sobre eugenia, higienismo e racialização nas escolas primárias pernambucanas (1818-1938). In: FONSECA, M. V.; BARROS, S. A. P. (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016, p.363-394.
- BAKHTIN, M. / VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995 [1929].
- BARROS, S. A. P. Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do século XIX e início do século XX. In: ROMÃO, J. (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Distrito Federal, Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: 2005, p.79-92.
- BARROS, S.A.P. Um balanço sobre a produção da história da educação dos negros no Brasil. In: FONSECA, M. V.; BARROS, S. A. P. (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016, p.51-70.
- BARTON, D.; HAMILTON M; IVANIC, R. (Orgs.). **Situated literacies: reading and writing incontext**. Londres: Routledge, 2000.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução 01/2004**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília, DF: 2004.
- BRASIL. **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: 2003.

CARDOSO, P. J. F. A vida na escola e a escola da vida: experiências educativas de afro-descendentes em Santa Catarina no século XX. In: ROMÃO, J. (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Distrito Federal, Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: 2005, p.171-185.

CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar, ao silêncio escolar**. São Paulo: Contexto, 2000.

CRUZ, M. S. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: ROMÃO, J. (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Distrito Federal, Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: 2005, p.21-33.

CUNHA, L. M. A população negra nos conteúdos ministrados no curso normal e nas escolas públicas primárias de Pernambuco, de 1919 a 1934. In: ROMÃO, J. (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Distrito Federal, Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: 2005, p.221-247.

DA LUZ, I.M. Sobre arranjos coletivos e práticas educativas negras no século XIX: o caso da Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais de Pernambuco. In: FONSECA, M. V.; BARROS, S. A. P. (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016, p.117-140.

FONSECA, M. D. Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX. In: ROMÃO, J. (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Distrito Federal, Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: 2005, p.93-113.

FONSECA, M. V. A população negra no ensino e na pesquisa em história da educação no Brasil. In: FONSECA, M. V.; BARROS, S. A. P. (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016, p.23-50.

FONSECA, M. V.; BARROS, S. A. P. (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JOVINO, I. S. El rap como prática cultural juvenil negra. **Boletín IFP**, Santiago, ano 2, n.6, mayo 2004.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

MOEHLECKE, S. Ações Afirmativas no Brasil: um histórico do seu processo de construção. In: FONSECA, M. V.; BARROS, S. A. P. (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016, p.413-438.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira**. Niterói: EdUFF, 2004. (Cadernos PENESB 5).

PIRES, R. **Narrativas quilombolas**: negros em contos, de Cuti e Mayombe, de Pepetela. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROMÃO, J. (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Distrito Federal, Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: 2005

SILVA, P.B. G. Apresentação. In: FONSECA, M. V.; BARROS, S. A. P. (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016, p.07.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência** – poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de reexistência**: culturas e identidades no movimento hip-hop. 2009. 219f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2009.